



## V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

O acontecimento do discurso: filiações e rupturas

De 20 a 23 de setembro de 2011

Salão de Atos da UFRGS – Porto Alegre/RS

[www.discurso.ufrgs.br/sead](http://www.discurso.ufrgs.br/sead)

# O ARQUIVO E A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS: LIMITES E FORMAS DA PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE ENUNCIADOS

Vanice Maria Oliveira Sargentini<sup>1</sup>

Afirmando que o sentido não é dado a priori, mas sim procede da materialidade da língua e do arquivo, Maldider e Guilhaumou (1994) indicam que a Análise do discurso (AD) funda-se sobre a investigação desses dois suportes materiais. Dada a temática deste simpósio privilegiaremos, então, a discussão teórica sobre arquivo. Diante da proposição – refletir sobre “Releituras da noção de arquivo hoje”, proponho revisar a atribuição que se deu à noção de arquivo na AD e avaliar como o desenvolvimento desta teoria motivou e justificou as inflexões dessa noção.

### 1. Da análise das sequências discursivas à leitura do arquivo

Em artigo publicado por Pêcheux e seu grupo na revista *Buscila*, em 1984 (Pêcheux 2011), observa-se como se tornava inevitável a discussão sobre a problemática da tomada do objeto de análise para a AD. J.Guilhaumou e D. Maldidier, ao ponderarem sobre a ‘configuração metodológica inicial’ da AD, apontam mudanças na constituição da teoria. A AD passa de uma disciplina de programas e métodos para uma disciplina interpretativa, e nisso está envolvida, conseqüentemente, a mudança no tratamento do objeto de análise – passa-se da análise das sequências discursivas presentes em um corpus para a operação de leitura do arquivo. Guilhaumou e Maldider (1984 [2011, p.98]), ao refletirem sobre a constituição dos corpora em AD, indicam que “uma nova reflexão sobre a noção de *corpus* se impunha” à AD desenvolvida nos anos de 1980.

Parece atualmente que as constituições dos *corpora* em AD, tais como elas foram praticadas nos anos de 1970, resultam, na maior parte dos casos de uma “operação de extração” que recorta dos enunciados as suas condições de produção, o tempo da análise linguística. Por um lado, a seleção das palavras-pivô recorre ao já-lá, às formas de saber já constituídas; ela repousa sobre julgamentos de saber de tipo referencial. Por outro lado, os quadros e domínios semânticos constituídos pelas séries de frases transformadas eliminam a linearidade do discurso, nele substituem uma ordem sobre o modelo de constituição do corpus das frases na teoria gramatical. O perigo do artefato estava bastante próximo. Uma nova reflexão sobre a noção de corpus se impunha. (Guilhaumou e Maldider, 1984 [2011, p.98])

Essa preocupação também é expressa por Pêcheux (1984 [2011]) no artigo “*Especificidade de uma disciplina de interpretação*”, que se segue ao artigo de Guilhaumou e Maldider (1984 [2011])

---

<sup>1</sup> Docente do PPG-Linguística da UFSCar.

na *Revista Buscila*. Ele explicita que a AD especifica-se por sua relação com a língua, mas não se reduz a ela, uma vez que interage com outras tradições e perspectivas.

Ela (a AD) partilha com a *tradição lexicométrica* a prática de construção de *corpus* e o recurso eventual a algoritmos informatizados, mas ela não se interdita de supor estruturas sintáticas sob a sucessão das unidades lexicais.

Ela partilha, por outro lado, com as *tradições semiológicas e semióticas* (que, aliás, designam seus trabalhos como análises de discurso) o cuidado de apreender e de descrever as condições estruturais de existência do sentido, mas sem autorizar a supor estruturas lógico-semânticas subjacentes às sequências discursivas.

Ela partilha, enfim, com a *perspectiva arqueológica foucaultiana* o cuidado de considerar as condições históricas de existência dos discursos na sua heterogeneidade, mas ela visa a re-introduzir explicitamente no campo a problemática da língua. (PÊCHEUX, 1984 [2011, p. 100])

A essa tripla especificidade, a AD fará sempre intervir a especificidade da língua, compreendendo-a, não como puro sistema, mas como “um real específico que forma o espaço contraditório do desdobramento das discursividades” (PÊCHEUX 1984 [2011, p. 101]). Para atender ao desenvolvimento dessa especificidade, já não será suficiente à AD promover metodologicamente o confronto de sequências discursivas, ou o trajeto de palavras-pivô. Será, então, a leitura do arquivo, com o objetivo de analisar a irrupção de um acontecimento em detrimento da localização de uma formação discursiva, a preocupação para a qual as pesquisas da AD se voltam na terceira época.

Maldidier (1993 [2011]), ao traçar um trajeto na história da AD, a partir do trabalho de M. Pêcheux, afirma que uma nova formulação da AD se faz quando na teoria dispõe-se a enfrentar as imprevisibilidades da história, as histórias singulares, o acontecimento. Esse é, portanto, um movimento central que irá desestabilizar o procedimento por etapas antes desenvolvido pela análise do corpus, sua descrição e sua interpretação, por um procedimento em forma espiral e cumulativa que flagrará momentos de corpus, trajetos nas redes que constituem o enunciado.

Segundo Maldidier (1993[2011, p. 61), “por um estranho percurso, M. Pêcheux reencontra finalmente o Foucault que ele não pôde antes encontrar”. E os conceitos de arquivo, acontecimento são incorporados na construção de *maquinas paradoxais* (como aquele sistema de programação DERE) que observam os objetos discursivos nesta tensão existente entre a sistematicidade da língua, a historicidade e a interdiscursividade.

Firma-se, então, nas reflexões dos anos 80, a AD como uma disciplina de interpretação, voltada para a leitura do arquivo. Com isso novos desafios são impostos e dentre eles a preocupação de “Como ler o arquivo hoje” – exposta no artigo de Pêcheux (1982), que flagra o divórcio cultural existente entre a vertente da leitura do arquivo da perspectiva dos literatos e a vertente dos cientistas que conduzem, assim, a uma perigosa divisão social do trabalho de leitura.

(Aos literatos), o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos do tratamento ‘literal’ dos documentos, as ditas ‘interpretações’. (Pêcheux 1982, p.58)

Pêcheux (1982, p. 60), neste momento, ciente dos riscos que esse modo de leitura pode desencadear – dentre eles “o policiamento dos enunciados, uma normalização asséptica da leitura e do pensamento e um apagamento seletivo da memória” – propõe que se volte para a análise da materialidade da língua na discursividade do arquivo. É neste ponto que a noção de arquivo, a meu ver muito se aproxima daquela pensada por Foucault. Um arquivo não é (ou não é somente, se

preferirmos) um conjunto de dados guardados, ele é, por sua prática de leitura, revelador de interesses históricos, políticos e culturais.

## 2. Limites e formas da produção e transformação de enunciados

O arquivo compreendido na perspectiva que Foucault (1968) atribuiu ao termo (o arquivo não é nem conjunto de documentos que uma cultura recolhe como memória e testemunho do seu passado, nem a instituição que se ocupa de conservá-los, o arquivo é, antes de tudo, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares), exibe um sentido determinado, cada dispositivo de arquivo estabelece sua própria organização, respeitando a especificidade de um tema, de um acontecimento, de um percurso. Tal compreensão da noção de arquivo, se por um lado sustenta a forma de recorte de um corpus discursivo, por outro, apresenta algumas questões aos estudos da Análise do discurso na atualidade: Como trabalhar com a dispersão fragmentada dos discursos no campo de uma visada quando se está mergulhado na política do excesso de circulação dos discursos? Como considerar essa produção do visível e do não visível na composição do arquivo e, conseqüentemente, do corpus de análise? Essas questões levam-nos a considerar a forte presença e interferência dos meios e processos de circulação dos discursos na produção dos sentidos. Algumas reflexões sobre essa problemática conduzem-nos de retorno a Foucault, em especial no artigo 'Resposta a uma questão' (1968 [2010]), quando em sua reflexão sobre a descrição do arquivo que está submetido à lei da existência dos enunciados e a suas condições de emergência, o autor indica que a produção e a transformação dos enunciados é definida pelos limites e formas (i) da dizibilidade (sobre o que é possível falar? O que se inscreve como domínio discursivo?), (ii) da conservação (quais enunciados são destinados a passar sem deixar vestígios e quais se cristalizam em nossa memória seja pela recitação, pelo ensino ou pela pedagogia?), (iii) da memória (como a inscrição dos discursos nas formações discursivas os tornam válidos, discutíveis ou definitivamente invalidados?), (iv) da reativação (quais são os discursos produzidos em outras épocas que tentamos reconstituir e como?) e (v) da apropriação (como se dá a luta pelo domínio dos discursos?). Nossa intervenção neste simpósio pretende, portanto, avaliar como os meios e processos de circulação dos discursos atravessam esse conjunto de regras que definem o arquivo e produzem sentidos.

Partiremos, então, de dois princípios. O primeiro é o de que os arquivos nunca estão dados, portanto é preciso considerar o problema de sua construção. O segundo é o de que, na esteira de Foucault, o arquivo pode ser definido como o sistema geral da formação e transformação dos enunciados. Articulando esses dois princípios, temos que a construção do arquivo não se dá independente desse sistema de produção e transformação dos enunciados que, por sua vez, responde a um conjunto de regras que, em dada época, e por uma determinada sociedade, definem limites e formas de *dizibilidade*. Para ficar no domínio dos trabalhos aos quais tenho me dedicado, tomemos como exemplo o discurso político produzido em campanha eleitoral que compõe o arquivo do Labor<sup>2</sup>. Na contemporaneidade, o limite da dizibilidade esbarra nas questões jurídicas que regem

---

<sup>2</sup> Laboratório de estudos do discurso - UFSCar

possíveis processos de ofensa moral, de difamação, entre outros. Assim em resposta à questão sobre 'o que é possível falar', pode-se dizer que a forma e o limite da dizibilidade é inerente ao arquivo, uma vez que só se formarão e se transformarão enunciados dizíveis diante das relações de poder que se instalam na sociedade.

Há também o conjunto de regras que, em dada época e sociedade, define limites e formas de *conservação* dos enunciados. A recitação, o ensino e a pedagogia atuarão como forma de conservação dos enunciados expressos na materialidade linguística em uma perspectiva que não se reduz ao linguístico. Estende-se a outras semiologias - imagens, gestos. Entretanto, a novidade não está na análise da imagem, mas em considerá-la como objeto de análise. Na historiografia, uma imagem só teria lugar como enunciado se ela tivesse se transformado em "arquivo de alguma coisa" (Salomon 2011, p.33). Um enunciado-imagem deve ser alçado de sua simples figuração para se tornar arquivo. Durante o longo período em que a imagem era tomada apenas como ilustração, e somente o texto escrito impunha a materialidade do arquivo, a imagem era negligenciada no arquivo e deixada de lado no momento da análise. Isso nos faz observar que os arquivos não foram (ou ainda não são), portanto, um justo espaço de preservação e conservação, pois ele é suscetível ao que se reconhece em cada tempo como materialidade que deve compor um arquivo. A própria história da AD quanto ao trato do discurso político é um exemplo de como a transformação do discurso político passa a exigir que o estatuto da imagem (fixa ou em movimento – por exemplo, em tv ou em sites) passe a ocupar lugar central no arquivo.

Há, portanto, uma ordem do discurso (Foucault 1996), regida por procedimentos externos (o tabu, a segregação e a vontade de verdade) e procedimentos internos (comentários, autoria e disciplina), do qual a conservação do arquivo não se separa. O efeito multiplicador e coercitivo inerente ao comentário, a autoria e à disciplina, estará intrinsecamente envolvido neste processo do que será conservado e do que será descartado. A forma da conservação se dará por um processo da pedagogia e do ensino, por um processo de remissões a enunciados anteriores.

Os limites e as formas da *memória* são agenciados também por relações de saber e poder. A memória que se edifica e se organiza diferentemente em distintas formações discursivas definirá o que cada arquivo reconhece como válido ou discutível. As diferentes formas como estão compostos os arquivos sobre a ditadura na América Latina mostra-nos que a memória dos discursos está firmemente atrelada às formações discursivas nas quais os enunciados estão inseridos.

A sociedade, a partir de um conjunto de regras e não alheia às relações de poder, define os limites e as formas de *reativação* dos enunciados, selecionando, dentre os discursos de épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais quer reter, valorizar e reconstruir. Restituídos, esses discursos recebem papéis a desempenhar. São organizados em arquivos que passam a ser redistribuídos. A web tornou-se uma ferramenta democrática e eficaz na redistribuição dos arquivos. Tantos institucionais como pessoais, arquivos contendo documentos (escritos e imagéticos) de uma dada época, ao serem reativados produzem na sociedade efeitos diversos. No discurso político a reativação pode produzir efeito paradoxal. São utilizados tanto para qualificar quanto para desqualificar o homem político.

Muitas vezes de uma forma narcisista ou como um instrumento de resistência (quanto ao direito de redistribuir, reproduzir, manifestar-se), a sociedade define os limites e as formas da *apropriação* dos discursos. Com o objetivo de chegar mais perto de si, os internautas constroem na web homepages produzindo arquivo que permitirá que se promova a apropriação do autor com o domínio dos seus discursos. Os arquivos *on-line* passaram de uma simples junção de dados de uma família – de uma forma distinta de guardar fotos, dados familiares, ou seja de uma forma de reacondicionamento - para um reagenciamento (Artières 2011, p. 107) dos dados, que passam então a ter grande visibilidade.

Um exemplo indicado por Artières (2011, p.105) oferece-nos uma indicação do extremo de como a internet torna-se uma ferramenta para mostrar os arquivos. Trata-se do site [www.desordre.net](http://www.desordre.net) de Philippe de Jonckheere, que por acumulação e multiplicação de links, organiza uma forma inusitada de escrita e de arquivamento de si. A partir da imagem de sua garagem, que é ocupada por seus arquivos, é possível abrir gavetas e folhear documentos que ali estão guardados, abrir livros, consultar vídeos etc. As imagens a seguir foram extraídas do site. Ao se clicar com o mouse em uma das caixas-gaveta ao fundo encontram-se os papéis e com novo clique pode-se ler o que está no interior do envelope. O mesmo ocorre com alguns vídeos e livros.



<http://www.desordre.net/labyrinthe/garage/photos/017.htm>



<http://www.desordre.net/labyrinthe/garage/photos/tiroirs/035.htm>



<http://www.desordre.net/labyrinthe/garage/photos/020.htm>



[http://www.desordre.net/photographie/numerique/autoportrait\\_carre/images/grandes/015\\_notes.htm](http://www.desordre.net/photographie/numerique/autoportrait_carre/images/grandes/015_notes.htm)

<http://www.desordre.net/labyrinthe/garage/photos/vignettes/index.htm>

A web produz ainda uma economia dos arquivos privados. O acesso a arquivos se era prioritariamente organizado, mantido e cedido por instituições de Estado, hoje, em muitos casos, esse acesso é comercializado. Compra-se o arquivo de programas televisionados, desde palestras a CDs com gravações do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, por exemplo.

### **3. Como trabalhar com a dispersão fragmentada dos discursos no campo de uma visada quando se está mergulhado na política do excesso de circulação dos discursos? Algumas conclusões.**

Em AD, metodologicamente, os trabalhos de pesquisa exigem do pesquisador que ele próprio construa seu arquivo de pesquisa. A noção de arquivo hoje na AD é feita à esteira das reflexões de Foucault, da Nova História, e das preocupações da AD da terceira época.

Há, entretanto, na contemporaneidade um excesso do arquivo, mas essa característica, por um lado pode contribuir para a consolidação das sociedades democráticas, já que se torna impossível o controle da circulação dos dados, mas, por outro, o excesso do arquivo induz à repetição e isso pode propiciar o controle da sociedade.

São muitos os arquivos que merecem ser analisados. Em nossas pesquisas temos privilegiado análise do discurso político considerando suas formas de arquivamento. Como se produz o discurso eleitoral presidencial em campanhas políticas no Brasil? Para responder a essa questão, temos de investigar a organização dos enunciados em diferentes formas de circulação: sites de candidatos<sup>3</sup>, Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral <sup>4</sup> (Garcia e Sargentini 2010), twitter de eleitoráveis<sup>5</sup>, debates entre candidatos, folhetos de campanha, matérias de jornais e revistas (Carvalho e Sargentini, 2009). Para análise deste arquivo temos que considerar o suporte e as coerções genéricas, por exemplo, o HGPE atribui tempos de apresentação distintos a cada partido, o twitter limita o número de caracteres a serem digitados, os debates têm regras rígidas de participação que envolvem até mesmo a tomada da câmera; a quantidade de informação hoje está marcada mais pela repetição do que pela diversidade, repete-se o dizer, em geral em formas breves, em distintos suportes e em várias materialidades (enunciados escritos, orais, imagéticos); e para a análise é preciso destacar, enfim, a velocidade da informação em relação ao ritmo, que pode ser acelerado, observa-se que há uma sequência muito rápida de imagens (para uma frase curta, apresentam-se 4 ou 5 imagens) que, por vezes, alterna-se com imagens que transcorrem lentamente a fim de marcar traços de docilidade (Sargentini, 2011), paz e harmonia.

Portanto, ler o arquivo hoje significa 'ler a circulação de sentidos', articulando os princípios de dizibilidade, conservação, memória, reativação e apropriação àquele de circulação no qual estão envolvidos o gênero e o tipo de suporte, a quantidade, a intensidade, a velocidade, a materialidade.

### Referências bibliográficas

- ARTIÈRES, P. (2011) Monumentos de papel: a propósito de novos usos sociais dos arquivos. *in*: SALOMON, M (org.) *O saber dos arquivos*. Goiânia – GO: Edições Ricochete.
- CARVALHO, P.H.V. e SARGENTINI, V. (2009) “O papel da imagem em “Uma revista para quem gosta de ler”: Piauí.” *Revista da ANPOLL – multimodalidade e intermedialidade: abordagens linguísticas e literárias*. Vol 27. Belo Horizonte – MG, Jan/ Jun.
- FOUCAULT, M. (1968) Resposta a uma questão. *In: Ditos e escritos VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. pp.1-24. Original 1968.
- FOUCAULT, M. (1996) *A ordem do Discurso*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- GARCIA, L. C ; SARGENTINI, V. M. O. . O discurso político no horário eleitoral gratuito: em direção a uma semiologia da política. *In: Gama-Khalil, M; Stafuzza, G.; França, T.M.. (Org.). Análise do*

---

<sup>3</sup> Geovana Chiari. Propaganda eleitoral na internet: o funcionamento dos sites dos candidatos. 2010. Iniciação científica - Universidade Federal de São Carlos, Apoio CNPq – orientação Vanice M. O. Sargentini.

<sup>4</sup> Luciana Carmona Garcia. O discurso político eleitoral contra a corrupção no HGPE/2006: memória e construção de identidade.. 2010. Dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal de São Carlos. Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. *Orientador*: Vanice Maria Oliveira Sargentini..

<sup>5</sup> Livia Maria Falconi Pires. A política se renova: as novas tecnologias na construção do discurso político.. 2012. Dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal de São Carlos. Apoio Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Vanice M.O. Sargentini.

- Discurso: Sujeito e subjetividade. 1 ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008, v. 1, p. 493-502.
- GUILHAUMOU, J. e MALDIDIER, D. (1984) La configuration méthodologique initial. *Buscila* (Paris), nº 1. Tradução brasileira de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. A configuração metodológica inicial, pp. 95-98 In: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux.: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011
- PÊCHEUX, M. (1984) Spécificité d'une discipline d'interpretation. *Buscila* (Paris), nº 1, pp.56-58. Tradução brasileira de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. Especificidade de uma disciplina de interpretação, pp. 99-103 In: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux.: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PÊCHEUX, M. (1982) Lire l'archive aujourd'hui. in: Archives et Documentos de la Société d'Histoire et épistemologie des sciences du Langage. nº 2, p. 35-45. Trad. brasileira Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E. (org.) *Gestos de Leitura: da História no Discurso*. Ed. da Unicamp, 1994, p. 55-64
- SALOMON, M. (2011)A danação do arquivo: ensaio sobre a história e a arte das políticas culturais, in: SALOMON, M (org.) *O saber dos arquivos*. Goiânia – GO: Edições Ricochete.
- SARGENTINI, V. (2011) Discurso e História em diferentes materialidades do discurso político. in: INDURSKY, F, MITTMANN, S. e FERREIRA, M.C. L. Memória e História na/ da análise do discurso. Campinas – SP: Mercado de Letras.